


ANDRÉ HENRIQUES ABRE O CORAÇÃO

"SÃO MEUS AMIGOS,

Aos 41 anos, o homem por detrás das maiores festas do País revela-nos como lidou com a pandemia. Nesta "paragem" por imposição, estreou-se como produtor musical e lançou a música **Cafuné**. Rodrigo, de oito anos, e Gonçalo, de três, são os maiores fãs do DJ, que consideram o melhor pai do Mundo.



"São miúdos impecáveis, são extraordinariamente emocionais, não tive qualquer problema com eles"

E CONTA-NOS COMO OS FILHOS O FIZERAM MUDAR DE VIDA

MEUS COMPANHEIROS

Este verão, os portugueses vão andar a dançar ao som de Cofuné... Como surgiu esta música?

Espero bem que sim (risos)! Surgiu de um desejo antigo: já ando nestas lides da música há 20 anos, já tinha pousado um bocadinho em todo o lado – DJ, produção de eventos, o Baile Funk, o Revenge of the 90's... Eu trabalho com música, mas faltava-me o contributo da música. A quarentena tirou-nos da estrada, deu-nos tempo, e pensei tentar esta aventura. A criatividade tinha de ir para algum lado e acabei por aplicá-la à produção musical. Foi incrível porque, a propósito do *All Together Now*, eu vi o Scardini, guitarrista dos Cakem, a atuar e pensei: "Está aqui qualquer coisa." A prova até nem correu bem, mas achei que estava ali qualquer coisa. Entretanto, fui falar com o Ary Rafeiro, fui convencer o Aragão com várias estratégias. Desde o convite até, efetivamente, gravar passaram três semanas e, todos os dias, foi bombardeado com vídeos meus. Ele acabou por vir gravar e a música ficou com um "sabor" incrível.

"Na quarentena deu-me vontade de virar as colunas da minha casa para a rua e pôr música"

Como tem corrido esta estreia como produtor?

Tem uma coisa estranha... Em tudo o que eu faço, penso no processo do início ao fim. Por exemplo, quando faço um evento, penso no conceito, na imagem, na decoração, no caminho que as pessoas vão fazer da porta até à pista de dança, o pré-evento, o pós-evento, tudo. E se, efetivamente, estiver a correr alguma coisa mal na pista, eu sei que posso resolvê-la e resolvo-a. Com a música não é assim. Fazemos todo o possível até ao dia em que sai. Ai, saí-me da mão. Por isso, foi uma ansiedade parva até sair a música. Depois, foi: "Já está!" A partir do momento em que saiu, na minha cabeça já estava a lançar mais três. Pensei: "Agora, quero fazer mais." E tem sido muito giro. Já fui muito feliz a fazer rádio, fui feliz a fazer televisão, sou feliz como empresário, mas ando num período em que, apesar de a vida me correr extraordinariamente

bem, os dias andavam a passar por mim de uma forma muito... Faltava ali qualquer coisa. Por isso, estou muito feliz com o passo que dei.

O André é o homem dos sete ofícios. É produtor, empresário, DJ, produtor de eventos, animador de rádio, jurado, pai... Onde é que vai buscar energia para todos estes papéis?

Sou, claramente, um privilegiado. Consegui, ao longo da minha carreira, ser um privilegiado, porque sempre consegui fazer aquilo que quero e que me faz feliz, e sustentar-me com isso. Poderia ter vontade de fazer rádio e não ser capaz, podia gostar de produzir eventos e as coisas não comeram bem, mas a verdade é que consigo sustentar-me com todas as ideias que tenho. Eu não me fecho numa caixa, se sou isto ou aquilo. Eu movo-me, tenho tempo e energia para tudo, porque tenho estes pedaços de felicidade cada vez que conduzo um projeto. Já percebi que não sou pessoa de estar demasiado tempo com os projetos. O que gosto mesmo é da génese em si, a criação, a explosão,

e depois partir para outra coisa e deixar aquilo correr.

Como é que o homem por detrás das maiores festas do País lidou com a pandemia?

Acho que existem muitos DJs que vão identificar-se com isto. A determinado altura da quarentena, deu-me vontade de virar as colunas da minha casa para a rua e pôr música, para ninguém. Apelecia-me expor qualquer coisa. Tem sido um período complicado, mas agora, enquanto produtor de eventos, são passos muito cautelosos. A última coisa que quero é que vão a uma festa minha e, de repente, a minha festa seja um foco de infeção.

Em 2021, esteve no papel de jurado no *All Together Now*. Como foi esse desafio?

Foi muito estranho (risos). Estava em estúdio a gravar e toca-me o telefone. Convidaram-me para ser jurado de um programa da TVL. Foi-me informar, lá vi

o formato e achei que aquilo tinha vida pela representatividade que tinham os 100 jurados, ao contrário de outro tipo de programas. Ali estava uma comunidade artística, era uma democracia. Foi muito giro. Conheci gente com muito talento, e foram três meses de gravações durante os quais ganhei uma carteira de projetos e de artistas. Foi gratificante por ter a responsabilidade de ser jurado, por conhecer tanta gente e, essencialmente, por ter a oportunidade de ver tanto talento... Comovi-me muito com as histórias das pessoas.

E foi o "braço direito" da Gisela João...

Eu não sabia nada daquilo. Disseram-me: "Tu vais ficar aí." De repente, sentou-se a Gisela João. Não nos conhecíamos e foi ótimo porque, ao longo do programa, vimos a relação a ficar mais íntima. O primeiro programa foi gravado cinco minutos depois de nos conhecermos. Por isso, dá perfeitamente para ver aquilo a ficar cada vez mais próximo. Foi porreiro ter lá ficado, porque estava ao lado da presidente e isso dá uma posição de destaque que, numa altura como esta, em que não posso ir para palco, é bom estar na casa dos portugueses e mostrar que... continuo a existir, procurem o meu trabalho.

O André Henriques de hoje olharia para o DJ André Henriques que começou a pôr música no Cartaxo com orgulho?

Sim, sim e sim. Eu sou um *disc jockey* (DJ) feliz desde o primeiro dia em que bati à porta de um bar e disse: "Quero pôr música aqui." Comecei a pôr música no Quo Vadis, um bar no Cartaxo. Na altura, entrei para a Mega FM e, ao mesmo tempo, bati à porta do bar. O novo gerente achou que eu ia aplicar as músicas da Mega no bar e eu agarrei na herança musical, de música independente, e continuei-a. E, a partir desse dia – já lá vão praticamente 20 anos –, nunca mais parei, nunca mais tive fins de semana. Toquei em festivais importantes, toquei em clubes maravilhosos... Olho com orgulho porque, desde o primeiro dia em que toquei no Quo Vadis, vivi sempre o meu sonho. Nunca subi a um palco sem ter a noção de que estava a viver um sonho. Desde há sete



Rodrigo, de oito anos, e Gonçalo, de três, são fruto da relação (já terminada) de André Henriques com Raquel Moutinho. Porém, o ex-casal continua a trabalhar lado a lado na empresa do DJ

anos que a minha vida se transformou em palcos magníficos, 50 mil pessoas... Rock in Rio, com 70 mil pessoas. Marquês de Pombal, pelo Benfica, 500 mil pessoas. São multidões. Há aquela expressão que diz "éramos felizes e não sabíamos"... eu era absolutamente feliz e sabia.

Há aqui a "culpa" de ter um pai DJ...

Há. É muito giro, porque ele é o mestre e, a determinada altura do campeonato, o discípulo suplanta o mestre. E com muito orgulho do meu pai. Ele trilhou o caminho do que era um disc jockey do final dos anos 70 até aos anos 2000. E eu faço o trilho seguinte, num mundo diferente. É muito bom ele ver que o filho, que andou lado a lado e que aprendeu muito com ele, de repente, dá certo. Ele esteve na minha primeira vez, no Lux e no Alice Arena, sempre a dar o seu aval. Aprendi imenso com ele. Por música é ter uma técnica incrível, mas, acima, de tudo, é saber ler pessoas. Uma noite, no Horta da Fonte, eu estava a pôr música às 3h da manhã e a pista estava morta. Ele disse-me para pôr a *Sing It Back*, dos Moloko, e eu, cheio de pruridos de DJ, disse que não. Ele disse-me: "Dá cá o disco." E pô-lo. A pista explodiu. Estava aprendida mais uma lição.

Que recordações guarda da infância com o seu pai?

Com o meu pai, guardo recordações de uma infância e juventude recheadas de momentos nas discotecas. Os domingos à tarde no Horta da Fonte. Se, para muita gente, o mundo da noite não era uma coisa muito vista, para mim foi sempre como entrar num escritório de advocacia. Aqueles eram os amigos do meu pai e as pessoas com quem ele trabalhava. E lembro-me de o meu pai sempre me ter protegido daquilo que, efetivamente, havia de menos bom. O que foi ótimo, para que, quando avancei com a minha carreira e comecei a ter contactos com clubes e promotores, aquilo já não fosse um mistério.

E com a sua mãe?

Os meus pais são divorciados, e da minha mãe guardo os ensinamentos sérios de foco no objetivo. A minha mãe é uma trabalhadora incansável. Vi-a a virar a vida para me sustentar, a mim e a ela, e guardo esse exemplo. Foi por ela que fui por determinado caminho escolar e hoje agradeço-lhe por isso. Eu, da minha mãe, guardo muito da formação cívica, escolar e de carácter.

São esses ensinamentos que, agora, passa ao Rodrigo e ao Gonçalo?

A parentalidade evolui de década para década. Houve coisas mais complicadas na minha adolescência, precisamente por ser filho de pais separados e da coarção de parentalidade de há 20 ou 30 anos. E, agora que também sou um pai separado, são esses momentos que quero que não existam. Acho que tento passar-lhes aquilo que há de melhor, que é o amor e a família. Apesar de ser um pai separado, continuamos a ser uma família, e isso, para mim, é o mais importante. Eles têm um pai, uma mãe e um irmão. Esse é o núcleo e continuará a ser o núcleo. Dou-me por satisfeito pela caminhada que fiz até agora. São muitos impecáveis, são extraordinariamente emocionais, não tive qualquer problema com eles. São meus amigos, meus companheiros, vão comigo para todo o lado.

E já sente que algum deles vai seguir as pisadas do pai e herdar o "império"?

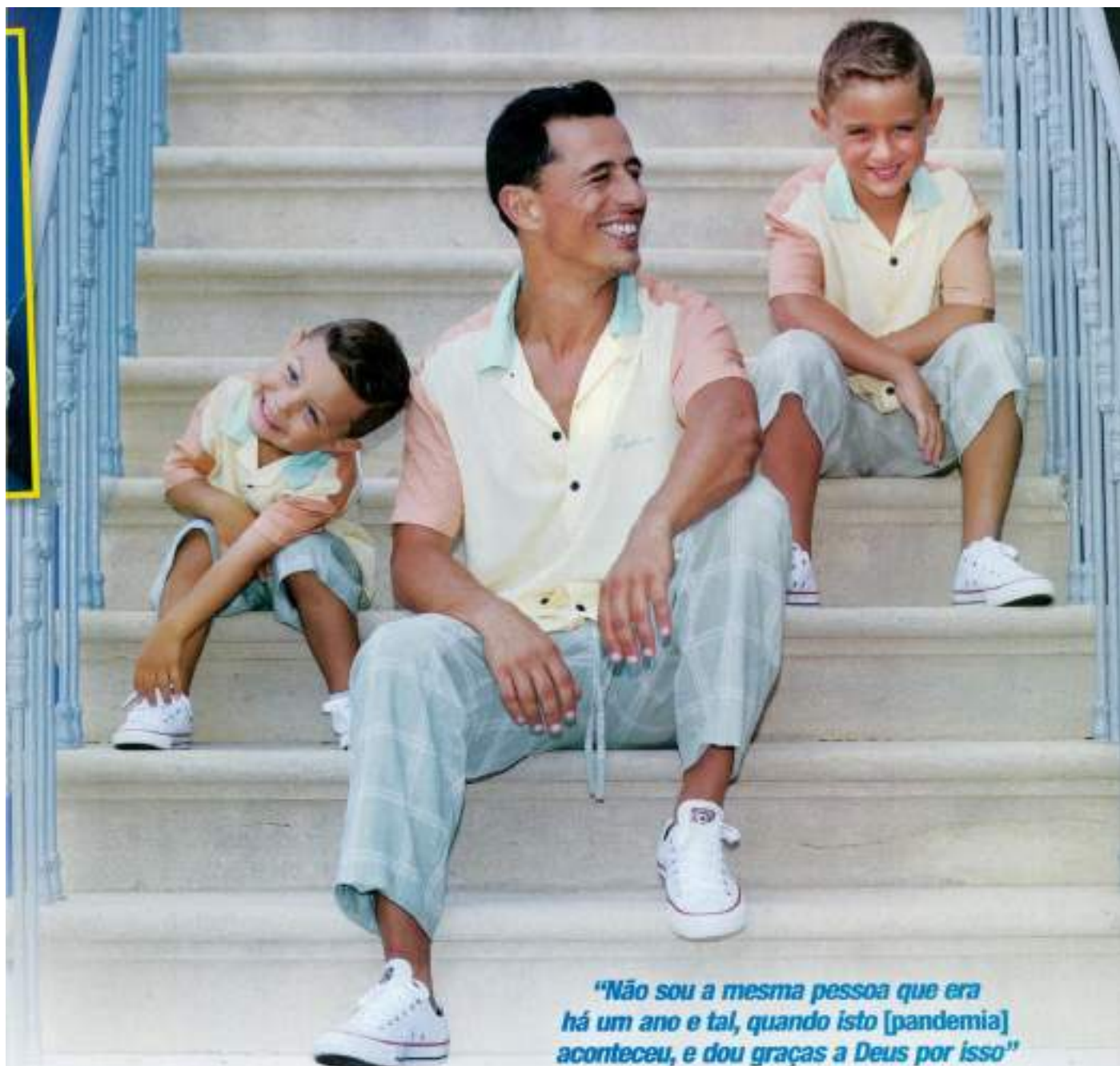
O Rodrigo não vai ser, certamente, um financeiro. Ele chora nos filmes da Disney, emociona-se com dança, vê um concerto durante 45 minutos colado à televisão. Por isso, tem, claramente, sensibilidade para estas coisas. O Gonçalo ainda é cedo para perceber. Mas o Rodrigo, sim, alguma coisa de carreira artística vai herdar. Na verdade, o meu pai é DJ, eu sou DJ, o meu irmão João é DJ. Não sei se não vem aqui mais uma perninha.

Quais são os maiores desafios da paternidade?

Houve um desalio grande nesta questão da separação, mas acabou por ser facilmente ultrapassado pela maneira como eu e a Raquel tivemos de dar os nossos passos em frente. Eu só quero que eles sejam boa gente, e acho que o Mundo está complicado. Tento que sejam pouco digitais, muito analógicos, que se agarrem zero ao telemóvel. Prefiro que sejam mais terra a terra. Por isso, esse é, para mim, o desalio. Sejam amigos do próximo. Não quero que andem em competições parvas, que mintam, que façam batota. É essencialmente por aqui: formar seres humanos bons em sociedade, porque o resto é mais fácil de acontecer.

Apesar de o amor não ter resultado, a Raquel é um braço direito no seu trabalho e a vossa relação continua amigável...

Continua. É uma amizade extraordinária. A Raquel trabalha comigo há 17 anos e continuou a trabalhar, mesmo depois do nosso episódio de separação. Eu vivo a 100 metros dos meus filhos. Estou todos os dias com a mãe deles, temos conversas de âmbito pessoal e profissional. Com a minha atual namorada, as coisas correm extraordinariamente bem. E foi aqui, talvez, a coisa mais complicada para mim. Porque eu sou filho de pais separados e sei o que é que foi conhecer a mulher do meu pai. Eu sei aquilo que, enquanto irmão, senti na pele. Isso foi a transição mãe... "ai ai ai". Mas, graças a Deus, a Soraia é uma mulher extraordinária e passa, no fundo, tanto tempo com os meus filhos como a mãe deles. Nós estamos semana sim, semana não, por isso, só tinha de escolher uma pessoa que estivesse ali de pedra e cal. Nós continuamos a ser uma família e isso é o mais importante. Eu e a Raquel estamos separados há dois anos, e ainda agora, na escola, pediram ao meu filho



"Não sou a mesma pessoa que era há um ano e tal, quando isto [pandemia] aconteceu, e dou graças a Deus por isso"

mais novo que desenhasse a família. Ele desenhou uma casa e pôs a mãe, o pai e o irmão. É a família dele. Para ele, o pai e a mãe podem não estar juntos, mas continuam a ser uma família. Para mim, isso é o fecho do ciclo mais importante, porque a transição foi bem feita. Ainda temos muitos caminhos pela frente, a adolescência há de ser outro caminho...

E quando quiserem ir para as festas?

Isso aí, eu chamo logo o segurança e digo-lhe: "fomo conta dos meninos" (risos). Al estão privilegiados. O Rodrigo tinha três meses e foi celebrar com o pai no Out Jazz. Já subiu ao palco do Revenge of the 90's, já viu coisas gigantes. Já me disse: "Pai, tinha tanta gente, gente até lá ao fundo."

Qual foi o maior ensinamento que recebeu do Rodrigo e do Gonçalo?

Que isto é curto, que passa muito rápido, que cada dia que se perde com eles é mesmo perdido. Não dá para voltar atrás. Eu fui um pai aceleradíssimo nos primeiros anos. Nos primeiros seis anos do Rodrigo, e no primeiro e tal do Gonçalo, e dou graças a Deus por, a determinada altura, duas coisas importantes na minha vida terem acontecido: a separação e o parar. Este travão de mão que nos puxou. Não sou a mesma pessoa que era há um ano e tal, quando isto [pandemia] aconteceu, e dou graças a Deus por isso. Efetivamente, consegui aceitar as minhas energias de forma a perceber isto. Porque até se pode ser pai e estar lá, mas perceber isto muda aquilo que se

vê. Eu era um pai presente, mas uma coisa é estar lá e outra coisa é sentir que estou lá. Enquanto não somos pais, somos imortais; e, depois, eles começam a crescer à nossa frente. Foi por causa deles que eu fui para o ginásio, comecei a comer como deve ser, a dormir como deve ser, a beber menos copos à noite. Foi por eles que comecei a fazer uma série de coisas para ver se estou cá mais tempo. Eu quero viver ainda muito tempo. Quer pelas coisas que faço, como pelas coisas que tenho. E, às vezes, tenho receio que isso não aconteça... 🙏

Foto: ANDRÉ DE ALMEIDA/Contrasto (2) (www.contrasto.com.br) Foto: BELLA SERRA

